

O QUE QUER UMA CARTA? UMA SISTEMATIZAÇÃO ACERCA DA EPISTOLOGRAFIA DE INTELLECTUAIS

WHAT DO YOU WANT A LETTER? A SYSTEMATIZATION OF THE EPISTOLOGRAPHY OF INTELLECTUALS

MACIEL, Raquel Silva*

<https://orcid.org/0000-0002-1269-6266> 

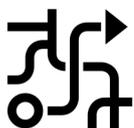
RESUMO: As correspondências se configuram como espaços nos quais não há homogeneidade, sendo permeadas por formações discursivas distintas que perpassam debates de ideias, pedidos de favores, compartilhamento de projetos e outros conteúdos que podem abarcar a trajetória intelectual de um sujeito. Manifestam-se, por isso, como documentos recorrentes em arquivos particulares, apresentando características privadas e públicas, pessoais e relacionais, e refletindo práticas de sociabilidades, assim, buscamos realizar uma sistematização teórica-metodológica direcionada ao desenvolvimento de pesquisas históricas com intelectuais e a epistolografia.

Palavras-chave: Correspondências; epistolografia; intelectuais.

ABSTRACT: Correspondences are configured as spaces in which there is no homogeneity, being permeated by distinct discursive formations that permeate debates of ideas, requests for favors, sharing of projects and other content that can encompass a subject's intellectual trajectory. They manifest themselves, therefore, as recurrent documents in private archives, presenting private and public, personal and relational characteristics, and reflecting sociability practices, thus, we seek to carry out a theoretical-methodological systematization aimed at the development of historical research with intellectuals and epistolography.

Keywords: Letters; epistolography; intellectuals.

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente tem desenvolvido pesquisas e possui interesse em temáticas que contemplem reflexões acerca da trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo, além de estudos sobre a cultura popular e teoria e metodologia da História. E-mail: quequelpb@hotmail.com.



A EMERGÊNCIA DE UMA PRÁTICA

A prática escriturística “assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e assim fazer história” (CERTEAU, 1994, p.224), por isso, a ausência de compreensão acerca das sociedades ágrafas, já que somos uma coletividade que se consolida e organiza por meio da escrita, sendo essa utilizada por todos de forma direta e/ou indireta. Em uma sociedade grafocêntrica, quanto maior a familiaridade com a escrita maior será a emancipação e autonomia do sujeito. Processo que acaba por construir um conjunto de desigualdades entre os que sabem ler e/ou escrever e aqueles que não dominam tais técnicas.

Considerando que a cultura escrita compreende “desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo” (GASTAUD, 2009, p.13), podemos conceber a escrita epistolar como uma prática da cultura escriturística, que se desenvolve em um momento no qual a cultura é cada vez mais penetrada pelo escrito e se amplia na medida em que o sistema de alfabetização cresce. Em um universo grafocêntrico, isto é, no qual a cultura da maioria é penetrada pelo escrito, a correspondência se configura como possibilidade de acesso a tal domínio, sendo as práticas missivistas reflexos do desejo de ser aceito, de adequar-se à cultura escrita e usufruir dos poderes atribuídos a essa - de produzir, publicizar, divulgar e distribuir um texto - além do acesso aos livros e conhecimento.

A escrita epistolar se qualifica como um processo de arquivamento, visto que, no momento que os sujeitos passam a organizar suas vidas em papéis há o início de uma construção da sua memória, movimento que acaba por induzir a elaboração de sua posterioridade. No caso dos intelectuais a construção, nas correspondências, de uma ordenação dos acontecimentos e sujeitos a partir de linearidades, continuidades e coerências em sua trajetória, realiza uma espécie de traço da sua biografia e estabelecimento do seu lugar social, por isso há inúmeros silenciamentos. O que refuta a ideia de que as missivas arquivadas refletem uma verdade a respeito do intelectual, manifestando uma pretensa memória individual concreta desses sujeitos, visto que, a imagem que um sujeito fabrica de si mesmo pode ser transmitida por meio da conservação de papéis e livros.



A emergência do século XVII atribui à carta a liberdade necessária para que fosse permitido escrever “à sua maneira”, interpretando-a como produto inventivo e opondo-se a uma escrita premeditada, o que altera a associação da prática epistolar a um gênero normatizado passando a compreendê-la como uma espécie de “antigênero”. Com o século XVIII a prática missivista, tornou-se terreno propício ao desenvolvimento de um pensamento em progresso, assim, “[...] afirma-se como o meio essencial de todos os grandes debates que marcam o século, e impõe-se como o indispensável instrumento formal de uma vasta reflexão epistemológica” (DIAZ, 2016, p.48). O século XIX acaba por direcionar a carta ao espaço íntimo, ligada a eclosão de diversas formas de escrita de si, por isso, tornou-se mais difícil mencionar a existência de um gênero epistolar devido às heterogeneidades que passam a compô-lo, trata-se de uma escrita que ignora as fronteiras, perpassando uma multiplicidade de gêneros.

Portanto, a importância das cartas não abarca uma continuidade, há períodos em que houve o desenvolvimento do gênero e em outros a compressão. O momento de efervescência na troca de correspondências remete aos séculos XI e XII, nos quais tais práticas se intensificam, já na época seguinte há a emergência de um movimento de retraimento. Processo que desencadeou transformações na funcionalidade das cartas, visto que a estrutura política vigente influi nas dimensões dessas mensagens. Em contextos históricos anteriores, por exemplo, as mensagens privadas e/ou confidenciais eram transmitidas de forma oral e às cartas cabia a finalidade de comunicação e/ou representação entre as pessoas, já que a noção de confidencialidade das correspondências só adquire importância quando se manifesta a noção de vida privada. A confidencialidade preterida entre os correspondentes remete ao desejo de estabelecer um território privado, isto é, a formação de espaços íntimos que devido à privacidade permitem que os sujeitos falem de si. Significando ainda a formação de um vínculo que só diz respeito ao destinatário e ao remetente, funcionando como uma espécie de pacto de privacidade, que ao ser estabelecido permite vislumbrar afirmações que os sujeitos dificilmente fariam na vida pública.

Além disso, o contexto histórico influencia não só no conteúdo da carta, mas também na sua recepção. Dessa forma, as funções e a qualidade das cartas variam de acordo com a delimitação histórica, caracterizando-a como gênero heterogêneo, por apresentar tanto uma variedade de formas quanto de atributos. Particularidade que a torna passível a diferentes usos e que a afasta da noção de unidade, portanto, as cartas são sinais de um momento e responsáveis por fixar uma experiência no tempo e no espaço.



AS CORRESPONDÊNCIAS E A CRIAÇÃO INTELECTUAL

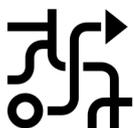
Os produtos originários da prática epistolar podem ser vistos como “[...] documento, como um texto¹⁷, como um discurso¹⁸ ou ainda como um fazer, mas na verdade, sempre é tudo isso ao mesmo tempo” (DIAZ, 2016, p.54-55). Classificá-la como documento possibilita compreendê-la como testemunha de uma realidade literária, histórica e política. O artefato escriturístico fabricado por escritores, artistas e/ou intelectuais pode ser analisado a partir de três perspectivas, são elas: a-) a busca por expressões que permitam traçar um perfil biográfico; b-) a compreensão dos bastidores da vida desses sujeitos em determinado período, isto é, a inserção em grupos, elaboração de projetos estéticos e outros; c-) a análise do gênero epistolar como um “arquivo de criação”, abordagem que resulta na sua utilização enquanto gênese de uma obra, ou seja, como uma espécie de “laboratório do trabalho” do escritor, possibilitando acompanhar a maturação e a recepção da obra. Nessa perspectiva, classifica-se como correspondência-laboratório, isto é, aquela na qual se debatem ideias, que fazem parte do processo de trabalho do sujeito, e compartilham projetos, por isso a sua relevância concerne tanto ao conteúdo quanto a função (HAROCHE-BOUZINAC, 2016).

Porém, inicialmente, a carta não se configurava como um espaço propício à realização da criação intelectual, sendo interpretada como um gênero abaixo da literatura e, por isso, considerada como paralela ou inferior à obra. Considerando isso, a escrita epistolar seria restringida a abarcar um papel informativo ou a expor ideias e sentimentos daquele que a produz. No entanto, caracterizá-la como uma espécie de laboratório da obra literária, na medida em que se qualifica como um espaço para “pôr à prova o olhar e a avaliação de outrem” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.166), permite descobri-la como uma forma de preceder e/ou acompanhar a confecção de uma obra, dessa forma, favorece que o sujeito se assuma enquanto escritor e obtenha reconhecimento social.

As correspondências refletem que a construção de um texto intelectual é um processo de partilha, assim como a própria carta, já que pertence a dois sujeitos e envolve vários correspondentes indiretamente - alguns são nomeados e outros mencionados - construindo uma rede de relacionamentos. Identificar e interpretar tais sujeitos possibilita

¹⁷ Examiná-la enquanto texto é submetê-la ao processo de avaliação estética, tal concepção interpreta a carta como uma espécie de “literatura da alma”.

¹⁸ Pensá-la enquanto objeto discursivo possibilita entender o produtor como um sujeito que projeta, na escrita epistolar, identidades possíveis para si. Atribuindo ao destinatário a responsabilidade de identificá-las e confirmá-las, assim, “a carta serve também para isso: fazer o outro de refém e obriga-lo a assistir à eclosão de um pensamento, de uma identidade e dela participar, queira ou não” (DIAZ, 2016, p.65).



compreender o grupo de contatos no qual estavam inseridos e a partir disso conhecer suas filiações estéticas e políticas, além das relações com outros escritores.

A carta pode tanto contribuir no processo de criação literária quanto é capaz de interferir de modo negativo, caracterizando-se como uma ameaça exterior a obra, o que cria uma espécie de rivalidade entre a correspondência e o escrito que está sendo confeccionado. Processo que intensificaria a incompatibilidade atribuída por alguns ao desempenho das duas tarefas simultaneamente, já que a escrita de cartas passa a ocupar muito do tempo do escritor, identificando um “momento roubado a outras ocupações oficiais e legítimas” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.163). Porém, ao acompanhar a confecção de uma obra a carta torna-se favorável, pois permite relatar as dificuldades, impressões acerca da escrita, sentimentos – como desânimo, alegria e outros - criando uma espécie de diário da obra.

Ao acompanhar o processo de construção de uma obra a carta atinge sua dignidade genética suprema, possibilitando que por meio da utilização das correspondências de autores no decorrer dos estados de produção intelectual, encontremos traços do sujeito por detrás dos esboços, trata-se de uma espécie de *making off* da trajetória intelectual do sujeito. Classificadas como arquivos de criação, as correspondências possibilitam, em alguns casos, mencionar obras em processo de formação e em outros acompanhar cada etapa do desenvolvimento de uma obra – do projeto até a publicação – além de tecer críticas ao material apresentado.

Considerando tal funcionalidade as cartas podem contemplar tanto a simples menção da obra quanto o envio de rascunhos, roteiros e até trechos dessa. Objetivando, em muitos casos, que o destinatário participe do processo de elaboração, constituindo um diálogo epistolar que possibilita um exame minucioso da criação por meio da indicação de lapsos, falhas de linguagem e outros, assim, a carta se configura como uma espécie de elemento mágico, permitindo que o pensar e o sentir, de um ou mais sujeitos, sejam transportados e revelados. A correspondência entre escritores e/ou aspirantes a tal oportunizam a elaboração de um projeto de escrita, funcionando como uma espécie de aprendizagem do ofício.

A interpretação da escrita epistolar como ferramenta propícia ao desenvolvimento da arte de escrever foi objeto de reflexão de epistológrafos como Mário de Andrade¹⁹ e Luís

¹⁹ Considerado como um dos maiores epistológrafos brasileiros, Mário Raul Moraes de Andrade correspondeu-se com múltiplos interlocutores, solidificando, por meio da escrita epistolar, a amizade com tais sujeitos. Construiu nas páginas das missivas uma espécie de “canteiro de obras”, no qual a criação literária se efetivava em conjunto desde a sugestão de troca de palavras perpassando a reconstrução estrutural da obra e chegando até a obliteração de um escrito. Além disso, nas correspondências enviadas, transparecia a efervescência do



da Câmara Cascudo²⁰, cujas missivas são reconhecidas por seu expressivo volume e potencial biográfico, histórico, literário e político. Além de compreender a epistolografia como um intertexto, que possibilita analisar o processo de criação literária, o literato paulista considera-a como um treinamento para a escrita evidenciando que

escrever, mesmo que sejam apenas cartas, adestra a pena e constrói a mente; para quem sabe se dedicar a ela com um pouco de constância, **a escrita epistolar é um trampolim para outros voos. Em resumo, é escrevendo – cartas – que nos tornamos, às vezes, escritores** (grifo nosso) (DIAZ, 2016, p.101).

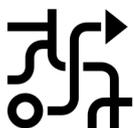
Além disso, Mário de Andrade parece enxergar na relação que estabelecesse com quem se corresponde a oportunidade de antecipar possíveis críticas, evidenciando que “escrever cartas em vez de escrever uma obra imediatamente publicável é proteger-se à sombra do destinatário, evitar o veredito anônimo e, ainda, ser autor” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.187). Além disso, as críticas podem advir do compartilhamento de obras publicadas, como o faz com Luís da Câmara Cascudo, em 03 de fevereiro de 1926, quando menciona o envio de “[...] uma porrada de coisas pra você. Livro, jornal e brigas²¹. **Desejo que o livro te agrade. Também se não agradar fale e nada de delicadezas comigo** [...] (grifo nosso) (ANDRADE, 1926), o que oportunizava projetar a recepção do escrito e planejar possíveis alterações no processo de reedição da obra.

Já Luís da Câmara Cascudo, ao escrever na coluna Acta Diurna o texto “Responder Cartas”, em julho de 1943, evidencia o seu relacionamento com a prática epistolar e identifica a participação das correspondências no fazer intelectual, afirmando que

movimento modernista e das políticas culturais nacionais. O acervo epistológico do escritor paulista está localizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), em São Paulo, e disponível para a realização de consultas destinadas ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas.

²⁰ À Luís da Câmara Cascudo é concedido o posto de “Hermes Universal do Nordeste do Brasil” (GICO, s/d) em alusão a divindade grega caracterizada eminentemente por seu ofício de mensageiro, assim, ao folclorista atribui-se a personalidade de internúncio sendo a epistolografia a responsável por consagrar tal associação. Funcionando como espaço que, devido a sua privacidade, possibilitou que o potiguar confidenciasse intimidades e estreitasse relacionamentos, as correspondências cascudianas transparecem a construção de redes de sociabilidades que oportunizaram o desenvolvimento das etapas concatenadas à pesquisa folclórica - coleta, confronto e busca por uma origem - possibilitando a propagação do seu eu-autor além do compartilhamento intelectual e, conseqüentemente, o feito de obras. O acervo epistológico do folclorista norte-rio-grandense está localizado no Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo (ICC), em Natal, e disponível para a realização de consultas destinadas ao desenvolvimento de pesquisas com finalidades acadêmicas.

²¹ As brigas mencionadas na correspondência se referem a José Pereira da Graça Aranha e a carta aberta produzida por Mário de Andrade para ele, na qual o critica por fazer aquilo que denomina de “coisas inconfessáveis”, isto é, ataques aos que não concordavam com a sua opinião pessoal, além de utilizar o nome do poeta paulista para afastar o José Oswald de Sousa de Andrade da Revista Estética.



há, naturalmente, cartas que só merecem o silêncio (sic). Outras exigem o cumprimento imediato. **São consultas, por exemplo, que esclarecerão dúvidas. São informações para quem está estudando um assunto [...]** (CASCUDO, 1943) (grifo nosso).

Ao sugerir que a rede de sociabilidade entre intelectuais se efetiva, em alguns casos, mediante o encaminhamento de informações – apresentadas por meio de livros, artigos e outras produções intelectuais – o folclorista norte-rio-grandense sugestiona o desejo de que o material compartilhado seja lido, conhecido e comentado, além de, por intermédio do seu envio, divulgá-lo e alcançar novos leitores em diferentes regiões. A importância conferida, pelo potiguar, para esse meio de comunicação figura ainda nos prefácios do Dicionário do Folclore Brasileiro, nos quais destaca a participação das missivas no processo de desenvolvimento da obra lexicográfica, visto que, são apresentadas como instrumento de pesquisa para a elaboração do conteúdo dicionarístico²², assim, por meio das missivas solicitava “[...] a vários amigos a redação dos verbetes [...]” (CASCUDO, 1954, p.25). Além disso, por meio das correspondências “[...] enviadas de todos os recantos do Brasil” (CASCUDO, 1979, p.19) o folclorista encadeava, a partir das sugestões dos leitores, a realização de acréscimos, substituições e/ou exclusões no processo de reedição da obra, assim como acessava as opiniões daqueles que tiveram contato com o dicionário, expondo o agradecimento “[...] as vozes generosas de aplausos [...]” (CASCUDO, 1979, p.19), ou seja, aos leitores que se correspondiam com ele.

Considerando que “em todo caso, a amizade e o debate intelectual são, ao mesmo tempo, condição e produto do trabalho entre os correspondentes” (GOMES *apud* OLIVEIRA, 2016, p.173), as correspondências trocadas por intelectuais, como Luís da Câmara Cascudo, são significativas na construção de um círculo que possibilitou a esses sujeitos, tendo em vista o destinatário, compartilharem o processo de criação intelectual, angariando tanto leitores quanto apoiadores.

Nessa perspectiva, a prática epistolar acaba por direcionar os sujeitos para o desenvolvimento da escrita, garantido aos escritores profissionais ou amadores um espaço propício para a invenção, imbuindo o destinatário como mero intercessor entre o epistológrafo e a escrita, atribuindo ao remetente uma função-autor e ao destinatário uma função-leitor - público. Portanto, não se trata de uma exposição unilateral do sujeito, mas

²² A epistolografia ocupa posição relevante no processo de construção do Dicionário do Folclore Brasileiro, denominadas de cartas perguntadeiras, as epístolas eram direcionadas aos amigos, pesquisadores e/ou as instituições para coleta de informações de pesquisa, apresentando pedidos detalhados e, em alguns momentos, a descrição dos passos a serem seguidos, indicando a necessidade de consulta dos acervos das bibliotecas, arquivos, museus e outros espaços situados tanto no Brasil quanto no exterior.



sim uma troca mútua de informações, opiniões, críticas e sugestões. A prática epistolar oferece certo conforto ao promover debates de questões que, talvez, no espaço público não conseguissem. Nesse momento, a correspondência atravessa a esfera íntima, de trabalho confidencial, e atinge o espaço público, assim, as cartas atuam como documentos necessários a compreensão das discussões socioculturais e/ou literárias, possibilitando acompanhar o aparecimento de ideias e o desenvolvimento de projetos, assim como a expressão de sentimentos contraditórios ou difíceis de serem expostos.

A importância das cartas passa a ser associada à sua inserção no debate intelectual e científico, além de tornar possível o estabelecimento da junção entre a subjetividade e o vínculo social, instituindo equilíbrios diferentes entre o “outro” e o “eu”. Tais características refletem o poder da carta, dessa forma, o domínio da sua escrita leva a um desenvolvimento eficaz na vida social, política e intelectual do sujeito, por isso, podemos compreendê-la enquanto uma encenação de si, visto que a carta diz mais sobre o seu produtor do que sobre os fatos narrados. Trata-se da busca por refletir quem escreve e da representação da relação que o remetente forja com o destinatário, considerando que “o eu, embora carregue a marca da personalidade, deve ser entendido como um outro, ou seja, devemos considerar a existência dos autores múltiplos de um mesmo “eu” (BETTIOL, 2016, p.233).

DECODIFICANDO A CORRESPONDÊNCIA

Compreendendo que ela “[...] dissimula tanto quanto revela” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.25), verificamos que a atribuição de uma sinceridade ao seu produtor é uma fantasia, visto que o remetente faz uso de máscaras realizando um processo de constante reinvenção diante dos destinatários. Tal dissimulação não está relacionada com a mentira, mas sim com o fato de que aquele que escreve deseja se integrar a um grupo ou já pertence a esse, assim,

por detrás da escrita à primeira vista simplória, figura o inegável trabalho performático e linguístico do missivista para solicitar o interlocutor e, ao se fazer observado, retornar para a sua representação e sua interpretação de si (ROCHA, 2017, p. 23).

Considerando que “em graus variados, toda carta se torna ficcionalização da vida do epistológrafo” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.197), concebemos que, mesmo que não tenha como finalidade a publicação, as correspondências acabam por transmitir ao destinatário uma imagem daqueles que as produzem, pois, a carta não está isenta da ficcionalidade. Nessa perspectiva, a página em branco inaugura um lugar propício à produção do sujeito



(CERTEAU, 1994), tornando-se projeções simbólicas de quem as escreve e refletindo a situação social que o remetente entende como pertencente ao interlocutor.

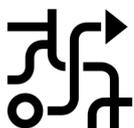
A carta não pode escapar do “eu”, trata-se de direcionar-se para o outro, para, posteriormente, retornar a si, promovendo uma oscilação entre a abertura para o outro e o fechamento para si, por isso, o desenvolvimento da escrita epistolar obriga o remetente a pensar em si e a partir disso se posicionar, visto que ela é responsável por defender posições e garantir conquistas, além de moldar as identidades dos sujeitos traçando contornos delas, fazendo com que eles se tornem presentes, se mostrem e se façam ouvir. Mecanismo que caracteriza a carta enquanto “[...] um testemunho que pode **prejudicar o seu autor**” (grifo nosso) (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.71), como ocorre na correspondência enviada por Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo em 01 de março de 1935, mencionando que

[...] então não se escreve mais pra este polista com saudade? nem ao menos você está carecendo aí de algum livro **hitlerofachisticocamisavêrdico** pra me mandar pedir e eu ter o gosto de receber letra sua! **Será que nem pra isso o Fachismo serve mais!** (grifo nosso) (ANDRADE, 1935).

A declaração jocosa de Mário de Andrade apesar de ostentar pintadas de ironia evidentes, por exemplo, ao empregar o termo “hitlerofachisticocamisavêrdico” para referenciar alguns dos movimentos políticos em ascensão no período que, inclusive, são alvos de suas críticas ao final da década de 1930²³, destaca não só o estabelecimento de uma prática colaborativa entre ele e Luís da Câmara Cascudo, mas acaba por revelar a proximidade entre o integralismo²⁴ e as ideias fascistas e nazistas e, conseqüentemente, o posicionamento político do folclorista potiguar, visto que, foi integrante da Ação Integralista Brasileira. Além disso, o silenciamento de Luís da Câmara Cascudo, em resposta à missiva, sobre tal associação também é significativo, pois a indicação de certa aproximação com pensamentos e organizações políticas é contraposta a identidade assumida por ele de sujeito apolítico, dessa forma, as cartas são vislumbradas como condizentes a traçar tanto a história de uma obra, quanto a esboçar a trajetória de um sujeito apresentando dados biográficos e psicológicos.

²³ Trata-se de uma conferência realizada em 1939, na qual o poeta, após o início da Segunda Guerra Mundial, tece críticas ao movimento fascista e a política expansionista da Alemanha. Posteriormente, em algumas das crônicas produzidas por ele e publicadas na obra *Os filhos da Candinha* de 1943, evidencia-se certa luta contra os totalitarismos, atacando países, como Portugal, por sua adesão ao regime fascista.

²⁴ A eclosão da Segunda Guerra Mundial acarretou a decepção com tal movimento e conseqüentemente o afastamento entre Luís da Câmara Cascudo e a Ação Integralista Brasileira, como gesto simbólico de tal digressão o potiguar queimou a camisa verde juntamente com os livros que tinha em sua biblioteca.



O ato de escrever e receber cartas representa um meio de existir e ser lembrado, uma missiva pode tirar o sujeito da inatividade e privação da presença. Motivação que, acompanhada por questões profissionais, políticas, sociais, econômicas e intelectuais, desperta a prática missivista. Considerando que para nos mantermos vivos precisamos ser lembrados, alguém que não recebe cartas é vislumbrado como invisível e detentor de uma relação social fragilizada. Nessa perspectiva, uma das estratégias utilizadas para a continuidade da correspondência entre os sujeitos epistolares é o emprego de expressões como, por exemplo, “peço-lhe de joelhos”, o que evidencia que a falta de cartas leva o sujeito ao desespero, ocasionando uma frustração. Característica que representa a dupla função da correspondência, isto é, ela ao ser “[...] enviada age, pelo próprio gesto da escrita, sobre aquele que a endereça, assim como age pela leitura e pela releitura sobre aquele que a recebe [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 153).

A confiança recíproca entre aqueles que se correspondem é ocasionada a partir do estabelecimento de uma periodicidade, sinceridade e reciprocidade, visto que a eficácia comunicativa se dá por meio da ida e volta da mensagem, por isso, o produto epistolar é interpretado como escrito a quatro mãos, isto é, a carta recebida deve ser respondida para que o pacto estabelecido entre o destinatário e o remetente não se rompa e que não haja um impedimento do exercício de diálogo, assim, para mantê-lo muitos preferem esperar.

Movimento que acaba por instaurar uma espécie de “identidade em espera”, ou seja, a espera surge junto com a identidade do sujeito, sendo esse aquele que confia e aguarda por algo e/ou alguém, característica que remete a possíveis obrigações do destinatário, isto é, a manutenção de uma constância na resposta das cartas e de uma sinceridade. Mesmo em situação de desespero, ocasionada pela ausência de respostas, o sujeito permanece “em espera”, já que ainda há a expectativa de que não exista o abandono da correspondência, dessa forma, a espera é intrínseca ao gênero epistolar e conseqüentemente ao sujeito que a pratica.

A relação com o “outro” remete, entre outros aspectos, ao fato de que aqueles que se correspondem sempre observam como o outro escreve, adaptando-o ou incorporando-o, portanto, “um dos critérios para que uma correspondência seja bem-sucedida reside na efetiva ‘incorporação da fala do outro’” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.139). Integração que alude a evocação da memória de conversas anteriores e ao desenvolvimento de um estilo de escrita específico, respaldado pelo pacto epistolar estabelecido entre ambos.



Porém, tal especificidade não impede que o processo de elaboração das cartas atenda a critérios, indicando que tal material escriturístico segue protocolos²⁵, por isso, há a necessidade de que o tom da carta corresponda ao assunto tratado, isto é, se a carta fala de algo sério é preciso que o estilo dela o acompanhe. Além disso, a carta deve ser agradável, característica que remete a preocupação em desencadear o efeito desejado no destinatário - como agradar, convencer, comover e outros - trata-se de adaptar o estilo da carta ao sujeito, importando a manutenção da relação hierárquica estabelecida entre eles. Nessa perspectiva, as formas de tratamento remetem a posição social e idade dos sujeitos, assim como a relação estabelecida entre o destinatário e o remetente, a princípio é formal, simples, direto e objetivo, só aos poucos o formalismo entre eles vai sendo quebrado.

No caso da assinatura há uma atribuição de origem e filiação para o texto epistolar, visto que, se apresenta como uma marca de autoria. As saudações finais, que, comumente, acompanham a assinatura, englobam certa multiplicidade de categorias, expondo, brevemente, elementos que não foram aprofundados no corpo da carta e que favorecem a representação das relações interpessoais. Nessa perspectiva, podem manifestar: a-) memórias: quando os correspondentes evocam reminiscências de momentos que antecederam a comunicação e expressam sentimentos nostálgicos, como o faz Luís da Câmara Cascudo ao se despedir de Mário de Andrade em 10 de abril de 1931, afirmando ter “**lembranças e saudades grandes** agora que não tenho esperanças de vê-lo comer o bolo de macaxeira nesta sua casa tão cheia de V.” (grifo nosso) (CASCUDO, 1931); b-) observações: diversificam-se no modo como se expressam, os comentários acerca do cotidiano categorizam-se como tal, a exemplo da despedida de Mário de Andrade, em 06 de agosto de 1929, que declara “e pra você, seu mano, **nada menos que os meus setenta-e-cinco quilos atuais de quem está mais magrinho, o pobre!** [...]” (ANDRADE, 1929); c-) solicitações: ocorre quando o remetente pede algo ao destinatário, ou seja, solicita que atenda a um favor. É recorrente na correspondência entre intelectuais quando há o encaminhamento de informações, livros, artigos e outros trabalhos, a exemplo da missiva que Luís da Câmara Cascudo envia para o escritor paulista requisitando, em 08 de outubro de 1931, que [...] Se lhe for possível **mande-me o Stálin Em marcha para o socialismo (Edit. Marenglen. S. Paulo)** que por aqui não acho [...] (grifo no original) (grifo nosso) (CASCUDO, 1931a). Porém, na troca intelectual há ainda os pedidos que não remetem ao ofício, entre o folclorista

²⁵ Apesar de que é o seu formato que nos sugere estarmos em contato com uma correspondência, tanto os específicos – particulares – quanto os gerais.



potiguar e Mário de Andrade, por exemplo, há solicitações para que despache medicamentos, plantas e até mesmo legumes; d-) agradecimentos: isto é, o sentimento de estar grato ao correspondente, vincula-se a categoria anterior, aparecendo, usualmente, na missiva posterior a que se faz a solicitação, exemplifica-se na carta de Luís da Câmara Cascudo enviada em 09 de maio de 1932, na qual menciona que o seu pai “[...] **muito agradece** o sal [...]” (grifo nosso) (CASCUDO, 1932); e-) lamentações: expressão de descontentamento com algo, aparecem na forma de desabaços como retrata a carta, de 10 de novembro de 1934, escrita por Mário de Andrade e recebida por Luís da Câmara Cascudo na qual indica esperar que o remetente “[...] compreenda esta **carta sentida**. Não faça mais assim, eu lhe peço com toda a força da nossa amizade, **porque isso realmente me faz mal**” (grifo nosso) (ANDRADE, 1934), transparecendo a insatisfação de não conseguir corresponder aos convites do potiguar para que o visite; f-) respostas: concede um retorno breve sobre algo que foi posto em missivas anteriores, Mário de Andrade exemplifica tal categoria na correspondência de 11 de novembro de 1931 quando menciona ter esquecido de enviar o livro solicitado, anteriormente, por Luís da Câmara Cascudo indicando ter tomado nota “[...] numa papeleta e **depois damanhã compro e mando** [...]” (grifo nosso) (ANDRADE, 1931), e conferindo uma conclusão para a solicitação; g-) planejamentos: o remetente convida o destinatário a programar o futuro com ele, traçando planos relacionados à si e/ou ao outro que podem relacionar-se com o ofício intelectual ou não. Assim, ao finalizar a carta, em 13 de março de 1933, escrevendo que “**Nós todos estamos ansiosos que V. venha até Natal. Mil planos se delinearão todos derredor de sua vinda** [...]” (grifo nosso) (CASCUDO, 1933), Luís da Câmara Cascudo revela tanto a expectativa pela vinda do amigo, quanto realiza uma espécie de convite para que o poeta compartilhe de tal sentimento.

A escrita epistolar se desenvolve a partir do desejo de se comunicar, mas tal característica não significa que a comunicação seja efetiva, visto que, entre aqueles que se correspondem, há a ilusão da presença e do diálogo. Ao ser identificada como um “discurso dos ausentes”, a carta tem na ausência o sentimento que desperta a sua escrita, sendo motivada pelo desejo de dar um fim ao sofrimento da separação, porém, o preenchimento desse vazio não precisa de uma resposta, mesmo que essa seja desejada, uma vez que só a escrita já preenche a falta e o silêncio que a ocasionou. A partir disso, consideramos que o fazer epistolar, assim como outras práticas escriturísticas, são imbuídas tanto de um poder de fabricar objetos (CERTEAU, 1994), quanto de despertar sensações como, por exemplo, o prazer desencadeado pelas “[...] cartas que chegam, a angústia das cartas que se perdem, a espera pelas cartas que demoram” (GASTAUD, 2009, p.38).



Portanto, a carta seria uma forma de presentificação do sujeito, ou seja, de preenchimento da presença que desejamos e que nos falta, caracterizando-se como a “presença da ausência”, já que, antes de se tornar presença elas evidenciam uma ausência. Além de desencadear a escrita epistolar, a ausência é elemento importante na manutenção do relacionamento entre o destinatário e o remetente, pois mesmo nas cartas que buscam a manutenção de algum cenário, isto é, quando a sua existência não altera nenhuma situação, a falta é considerada uma ofensa grave, portanto, trata-se de permanecer “em contato”, ou seja, o seu fazer destina-se a leitura e, por isso, ao estabelecimento do diálogo, de forma que proporcione uma espécie de “face a face” entre os sujeitos. Além disso, o desenvolvimento da carta deve buscar conceder respostas a indagações anteriores, é assim que pensavam epistológrafos como Monteiro Lobato²⁶, para ele, deve-se dizer escrevendo o que se diria conversando, concepção que interpreta a troca missivista como uma forma de conversa.

Nessa perspectiva, ao refletir acerca da linguagem das cartas, menciona a necessidade de abdicar de fórmulas e ornamentos, desenvolvendo uma conversação sem rodeios e amarras, assim, em correspondência de 07 de novembro de 1904, afirma que, na sua epistolografia não há uma fiscalização gramatical, já que a “[...] língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé no chão – como a falada (LOBATO, 1964, p. 79), sugerindo que ao se corresponder transparece ao destinatário a sua verdade, revelando e entregando-se ao outro. Porém, compreender a missiva como similar à conversação é categorizá-la enquanto um objeto espontâneo, não compreendendo que há normas interiorizadas que evitam determinados discursos substituindo-os por aqueles que são socialmente aceitáveis.

A falta de respostas é interpretada como uma negligência tanto com o outro – destinatário - quanto com si - remetente, o intercâmbio entre esses só se torna bem-sucedido se há capacidade e atenção de responder. Portanto, “a carta não só diz do remetente, como abre brechas para o conhecimento do destinatário, expondo-o através de observações, comentários” (BETTIOL, 2016, p.231), permitindo não só exibi-lo, mas identificar a manipulação de identidades realizada por aqueles com quem se corresponde. Nessa perspectiva, a importância e admiração concedida ao destinatário faz com que

²⁶ José Bento Monteiro Lobato, tal como alguns dos intelectuais brasileiros, correspondeu-se com uma miríade de destinatários construindo um acervo epistolográfico que se destaca por sua espontaneidade estilística e capacidade de revelar as facetas do seu produtor, visto que, não se atem ao mero desejo inicial de trocar notícias. Caminho que potencializa o conteúdo missivista e possibilita andarilhar pelos pensamentos lobatianos e apreender a posição que ele assumiu diante da vida e da arte. O acervo epistolográfico de Monteiro Lobato está localizado no Centro de Documentação Cultural (CEDAE) da UNICAMP, em Campinas, e disponível para a realização de consultas.



apareçam cuidados em relação à redação das cartas, constituindo-se como uma espécie de cerimônia, visto que se elabora formas de se dirigir ao outro (DAUPHIN, 2000).

Entre os assuntos abordados nas correspondências há quase sempre a recorrência a preocupações relativas à materialidade da escrita que acabam por transmitir sinais não linguísticos que podem ser utilizados de maneira estratégica tanto por aquele que as envia quanto por quem as recebe. Trata-se dos comentários acerca do tipo de papel, tinta, uso ou não da máquina de escrever e outros, características que podem expressar questões acerca da posição social, econômica e política dos correspondentes, visto que, a própria habilidade de enviar cartas se institui como um marcador social²⁷, evidenciando a origem do seu produtor.

Considerando que aquilo que provoca rupturas nos hábitos daquele que escreve promove reflexões no conteúdo das missivas, outra categoria habitual refere-se às dificuldades ligadas ao envio, e, conseqüentemente, a noção de espaço temporal, já que se há rapidez no envio a narrativa se torna mais próxima do instante da expedição, diferente de quando há lentidão desencadeando uma antecipação das notícias. Os comentários acerca do momento da escrita e de possíveis interrupções nesse processo aproxima a carta de uma conversa, na qual se indica acontecimentos em torno daqueles que são registrados. Caracterizando-se como uma “conversa por escrito”, a carta deve registrar todas as interrupções no seu fluxo de produção (BOLONHA et al., 2005).

O tempo epistolar faz com que o remetente esteja sempre situado em um futuro, na medida em que “o presente da escrita remete ao futuro da recepção” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.114-115), trata-se da antecipação das reações daquele que irá receber. Já o destinatário está localizado em um passado, que alude a eventos já encerrados. A troca de cartas só é bem-sucedida se os dois correspondentes compreenderem essa defasagem do tempo (HAROCHE-BOUZINAC, 2016), descompasso que em muitos momentos causa angústia naqueles que se correspondem. Portanto, a temporalidade da carta se relaciona com as circunstâncias que as determinam, indicando a existência de um tempo exterior – cronológico - e um tempo interior – impressões, sensações. O espaço temporal permite

²⁷ As cartas são produzidas desde a Antiguidade, mas tal prática teve maior impulso durante o período do Renascimento e a partir do século XVI há um crescimento nesse tipo de publicação, instituindo normas para a estruturação das missivas, dessa forma, ao longo do século XIX - sendo esse período considerado como a época de ouro na escrita epistolar - e XX a capacidade de escrever cartas era algo a ser aprendido, desenvolvido e estimulado por instituições como as de ensino. Movimento que se exemplifica na intensificação da produção e acesso aos manuais de escrita epistolar, revelando ainda o desejo de diminuir a distância entre aqueles que dominam as habilidades para a escrita de uma carta e os que não dominam, porém, assim como com a prática escriturística o acesso a compilação de normas epistolares não era acessível a todos.



compreender o período de troca das correspondências, isto é, se há intervalos e os motivos de tê-los ocasionados – censura, viagens, doenças e outros – o que possibilita compreender que a carta se associa a vários contextos, entre eles o político e o histórico.

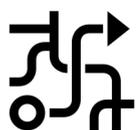
Considerando isso, podemos interpretar a carta como possibilidade de um projeto de dizer e dizer-se que instituem uma durabilidade situada entre o efêmero e o duradouro, evidenciando que antes de ser um objeto de escrita é um objeto de troca, por isso, a dimensão material dela se forma a partir de cada remetente e destinatário que, por sua vez, a toma como propriedade e a submete a diferentes destinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer epistolográfico exige o estabelecimento de um pacto, denominado de pacto epistolar, isto é, um convite à amizade, comprometendo-se a escrever francamente e “dizer tudo”, o que acaba por libertar os correspondentes de qualquer código formal, porém, há ainda a cobrança de que exista uma assiduidade e reciprocidade, caracterizando-se como um acordo em receber, ler, responder e guardar cartas (GOMES, 2004). A camaradagem sugerida pelo pacto epistolar se revela não só na relação entre remetente e destinatário, mas também com outras pessoas que têm acesso a leitura, mas não são os protagonistas das correspondências, a exemplos daqueles que as utilizam com finalidades acadêmicas.

Considerando que “a escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos” (GOMES, 2004, p.19) a relação afetiva entre os correspondentes determina a forma e intensidade com o qual o remetente irá se revelar, assim, é sua responsabilidade escolher para quem irá transparecer por inteiro, fato que, muitas vezes, destaca certa divergência entre a imagem pública de um sujeito e aquela que constrói na carta.

Apresentando-se como possibilidade que “[...] inclui referências inusitadas, semeia dúvidas, revela contradições, derruba verdades, resgata incongruências, instaura, enfim, um instigante jogo intelectual” (PEREIRA, 2008, p. 27), a troca de correspondências se torna meio propício para o nascimento e fortalecimento das relações de amizade, na medida em que possui uma eficácia afetiva, por isso podem ser lidas como meio de acesso a rede de sociabilidade estabelecida entre sujeitos díspares que dialogam acerca das produções e concepções literárias, políticas e científicas, e acabam por destacar os seus posicionamentos em relação a sua arte e a dos demais. Consequentemente, torna-se um processo importante



para a compreensão dos afetos, impressões literárias e políticas, esmiuçando as experiências entre os sujeitos.

Apesar da modernidade não ter se interessado na confecção de obras que orientassem a escrita de cartas, o meio acadêmico concede um posto privilegiado para as correspondências ao interpretá-las como objetos de pesquisa e, conseqüentemente, como possibilidade de utilização para finalidades históricas e biográficas, visto que, considerar que as referências da época e as formações discursivas dos correspondentes influenciam na escrita de missivas é considerar que nenhuma carta é idêntica a nenhuma outra e que o produto escriturístico nunca é neutro.

REFERÊNCIAS

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 65, dez., p. 227-236, 2016.

BOLONHA, Anônimo de; ROTTERDAM, Erasmo de; LÍPSIO, Justo. *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora da UNICAMP. 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAUPHIN, Cécile. *Prête-moi ta plume... Les manuels épistolaires au XIXe siècle*. Paris, Klimé, 2000.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. São Paulo: Edusp, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GASTAUD, Carla Rodrigues. *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, 246p.

GICO, Vania de Vasconcelos. *Câmara Cascudo: um Hermes Universal no Nordeste do Brasil*. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/images/stories/observanordeste/camaracascudo.pdf>. Acesso em 19 abr. 2021.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

_____. apud OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon. *Correspondências de Luís da Câmara Cascudo: arquivos da criação e redes de sociabilidade intelectual*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2016, 286p.



HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2016.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. A barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: uma leitura de saber e/ou fruição. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, abr./jun., p. 26-28, 2008.

ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Niterói: Eduff, 2017.

FONTES

ANDRADE, Mário Raul Morais de. Carta para: Luís da Câmara Cascudo. 03 fev. 1926. 01 fl. Localizado em: Instituto Ludovicus, Natal.

_____. Carta para: Luís da Câmara Cascudo. 06 ago. 1929. 01 fl. Localizado em: Instituto Ludovicus, Natal.

_____. Carta para: Luís da Câmara Cascudo. 11 nov. 1931. 01 fl. Localizado em: Instituto Ludovicus, Natal.

_____. Carta para: Luís da Câmara Cascudo. 10 nov. 1934. 01 fl. Localizado em: Instituto Ludovicus, Natal.

_____. Carta para: Luís da Câmara Cascudo. 01 mar. 1935. 01 fl. Localizado em: Instituto Ludovicus, Natal.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta para: Mário Raul Morais de Andrade. 10 abr. 1931. 01 fl. Localizado em: Arquivo Mário de Andrade/IEB-USP, São Paulo.

_____. Carta para: Mário Raul Morais de Andrade. 08 out. 1931a. 01 fl. Localizado em: Arquivo Mário de Andrade/IEB-USP, São Paulo.

_____. Carta para: Mário Raul Morais de Andrade. 09 mai. 1932. 01 fl. Localizado em: Arquivo Mário de Andrade/IEB-USP, São Paulo.

_____. Carta para: Mário Raul Morais de Andrade. 13 mar. 1933. 01 fl. Localizado em: Arquivo Mário de Andrade/IEB-USP, São Paulo.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1954.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro* 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

_____. Responder cartas: *A República*, Natal, RN, 07 jul. 1943. (Acta Diurna).

LOBATO, José Bento Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1964. t. 1.

Recebido em: 30/04/2021
Aprovado em: 06/07/2021